

República do Turcomenistão e a neutralidade como norte: um balanço das relações geopolíticas de Sapamurat Niyazov e Gurbanguly Berdimuhamedow*

The Republic of Turkmenistan and Neutrality as North: a balance of the geopolitical relations of Sapamurat Niyazov and Gurbanguly Berdimuhamedow

Jonathan Christian Dias dos Santos

Mestrando em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGGEO/UFRRJ)

Resumo

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma visão panorâmica acerca da trajetória geopolítica adotada por Sapamurat Niyazov e Gurbanguly Berdimuhamedow, primeiro e segundo, respectivamente, presidentes do Turcomenistão no período posterior ao fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Neste sentido, abordaremos os principais indicadores geopolíticos observados nos governos de ambos os dirigentes, que optaram por uma postura de neutralidade permanente dentro do sistema político global. Desta forma, a leitura geopolítica que se apresenta nesse texto, está contextualizada no centro da história recente deste país localizado na Ásia Central.

38

Palavras-chave: Geopolítica, Turcomenistão, Ásia Central.

Résumé

Le présent article a pour objectif de donner un aperçu de la trajectoire géopolitique adoptée par Sapamurat Niyazov et Gurbanguly Berdimuhamedow, respectivement, premier et deuxième, présidents du Turkménistan pour la période postérieure à la fin de l'Union des républiques socialistes soviétiques (URSS). En ce sens, nous aborderons les principaux singularités géopolitiques observées dans les gouvernements des deux dirigeants, qui ont opté pour une neutralité permanente au sein du système politique global. Ainsi, la lecture géopolitique qui est présentée dans ce texte est dans le contexte de l'histoire récente de ce pays situé en Asie centrale.

Mots-clés: Géopolitique, Turkménistan, Asie centrale.

* Recebido para publicação em 06/04/2020. Aceito para Publicação em 01/06/2020.



Introdução

Através dos séculos o território, um dos trunfos do poder (RAFFESTIN,1993), esteve em voga no cerne político, ora como elemento indispensável do caráter expansionista e colonialista europeu desde do século XV, considerando as navegações de Pedro Álvares Cabral, Vasco da Gama, Sebastián de Belalcázar, Cristóvão Colombo, Olivier van Noort, entre outros, e ora como um elemento próximo do fim, através do processo manifestado como desterritorialização, que corresponderia, como bem aponta Haesbaert (2014), ao declínio da norma física e/ou cultural própria e circunscrita no âmago do cada território. Apesar de suas múltiplas conceituações (VALE; SAQUET; SANTOS, 2005; SANTOS, 2019), é inegável que o território exerce uma função base nos conflitos e disputas que estão no bojo da esfera política.

Entre o largo espaço temporal, tivemos a existência de múltiplos eventos no curso da história que modificaram substancialmente a organização do espaço mundial e a formatação dos países existentes contemporaneamente. Se avaliarmos com prudência os cenários hodiernos, podemos apontar três grandes momentos que ilustram bem a transformação desse ordenamento territorial: a decisão de partilha (invasão) do continente africano entre os países europeus, em 1884-85; a Primeira Guerra Mundial, que modificou o espaço europeu dando fim diretamente ou indiretamente aos impérios do continente no começo do século XX; e por último, a Guerra Fria, que com a dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) deu a possibilidade de existência de outros Estados nos continentes asiático e europeu no final da década de noventa, do século passado.

Na essência destes eventos, um elemento importante desenvolve o entrecruzamento destes distintos momentos da história contemporânea: a Geografia Política (ou geopolítica clássica)¹. Se fossemos realizar uma construção cinematográfica de tais eventos, podemos reflexionar que estes acontecimentos descritos no parágrafo anterior constituem, separadamente, *frames*, ou seja, um sequenciamento de imagens que umavez unidos criam uma ou mais imagens. O roteirista ou diretor desta grande construção seria a Geografia Política. Entretanto, quais são as raízes do pensamento desta Geografia?

A institucionalização da ciência geográfica possui historicamente uma postura expansionista, imperialista e colonialista, sendo um efeito direto aos atributos das sociedades geográficas financiadas por diversos impérios europeus, tornando-se naquele momento um instrumento de cunho imperialista, que deixou no decurso da narrativa mundial rastros explícitos na concepção do arranjo territorial (RIBEIRO, 2015). Influenciado pelo caráter expansionista dos Impérios, da Geografia e também por outras ideias (como o Darwinismo), o alemão Friedrich Ratzel foi um dos pioneiros no pensamento e

39

¹ É existente um grande debate nos círculos de estudos da Geografia sobre uma possível distinção entre os termos “Geografia Política” e “Geopolítica”. A origem de tal fragmentação é oriunda pelo suposto caráter controverso que o termo “Geopolítica” ganhou no decorrer da Segunda Guerra Mundial, fazendo com que o campo sofresse resistência dentro da ciência geografia (especialmente francesa e estadunidense) por um longo período. Quando posto em nova evidência no meio, receberia o nome de “Geografia Política”, em uma tentativa de afastamento da Geografia com o estigma da geopolítica oriunda com o fim do conflito, em 1945 (ROSIÈRE, 2018). Acredito que ambos os termos, por caminhos e metodologias distintas em determinadas situações, possuem o objetivo semelhante: compreender as relações entre o poder e território e os conflitos frutos desta interação.



desenvolvimento de ideias daquilo que hoje concebemos por Geografia Política clássica.

As ideias elaboradas por Ratzel e expostas em obras como *“Anthropogeographie”* (1882); *“Politische Geographie”* (1887) e outros livros, tinham como ponto de partida o Estado como um elemento indissociável do solo, pois este deveria estar sempre ambicionando o seu ‘espaço vital’. O ‘espaço vital’ seria, para Ratzel, um conjunto de condições mínimas que um Estado deve ter para que possa exercer sua manutenção com êxito, incluindo a conquista de outros territórios para o seu alargamento e sua prosperidade social, tecnológica e econômica. Tais concepções, no entanto, devem ser contextualizadas: O cenário político de instabilidade do Estado prussiano e a busca de Otto von Bismarck pela sua unificação (através da conquista de territórios por meio das guerras de unificação) (BINIMELLIS, 2006), circundam o pensador alemão. Suas ideias são amadurecidas e pensadas em um cenário onde a geografia da realeza visava a conquista de outros territórios para fins de exploração econômica.

A natureza expansionista, imperialista e colonialista dos conceitos de Ratzel eram práticas recorrentes naquele período estando presente no pensamento de vários outros autores como Mackinder (que na sua teoria amplamente conhecida como *“Heartland”* deu um grande valor ao espaço centro-asiático) e Vidal La Blache. Em outras palavras, o que pretendemos apontar nessa curta introdução é que: a ciência geográfica através do seu cunho político, expresso por Ratzel e outros pensadores daquela época, exercido pelos governantes nos séculos XIX e XX, alargaram os contornos territoriais e geopolíticos do mundo atual por meio do processo que denominamos como Estado-Nação territorial, iniciado ainda no século XVII. O recorte espacial deste texto é justamente um dos mais recentes frutos deste processo secular.

A República do Turcomenistão, rica em gás natural, está localizada na Ásia Central. O seu litoral é banhado pelo Mar Cáspio e sua fronteira se estende com outros quatro países, sendo eles: Irã, Afeganistão, Uzbequistão e o Cazaquistão. Com a sua independência proclamada no dia 27 de outubro de 1991 (sendo reconhecida em dezembro do mesmo ano), o país elegeu ao longo desses quase trinta anos de soberania, apenas dois chefes de Estado: o primeiro foi Sapamurat Niyazov, falecido em 2006, sendo sucedido pelo então vice-presidente da república, Gurbanguly Berdimuhamedow², este eleito formalmente como presidente em 2007.

Na constituição do país, tendo sido a primeira versão concebida em 1992 com alterações realizadas em 1995, 1999, 2003, 2006, 2008, e mais recentemente em 2016, o Turcomenistão adota a postura de permanente neutralidade. Essa neutralidade é o que tem guiado desde o fim da URSS a política externa turcomena, também sendo definida pela própria constituição do país como base de sua política interna.

De acordo com o *“A dictionary of diplomacy”*, organizado pelos professores G. R. Berridge e Alan James, a permanente neutralidade pode ser compreendida como:

A posição dos Estados que não só permanecem neutros durante todas as guerras entre terceiros, mas não aceitam compromissos em tempo de paz (alianças ou acordos de bases militares, por exemplo) que possam levá-los a beligerância em alguma

²É possível observar diferenças em relação a escrita turcomena, pois ao longo da sua história o país sofreu diversas alterações linguísticas tendo adotado o árabe, o latim e o cirílico em diferentes períodos. Essas transformações marcaram documentos, nomes e a cultura turcomena até os dias atuais (ABAZOV, 2005).



contingência futura. (BRRIDGE; JAMES, 2001, p.184, tradução do autor)

Já a neutralidade seria “um status legal assumido unilateralmente por um Estado em tempos de guerra, indicando a intenção de permanecer fora do conflito” (BRRIDGE; JAMES, 2001, p.167, tradução do autor). Países como Suécia, Irlanda, Finlândia, Áustria, Liechtenstein, Malta são neutros. O Turcomenistão e a Suíça são permanentemente neutros.

Segundo Kayani e Ahmed (2016), a neutralidade elegida pelo Turcomenistão tem por objetivo afastar de vez os traços da russificação (desenvolvimento da identidade nacional turcomena) e a construção da política externa do país (relações com o ocidente e o antigo bloco soviético concomitantemente). Tal postura adotada pelos turcomenos é reconhecida pela comunidade internacional, entretanto, também é interpretada como um isolacionismo, hoje com Berdimuhamedow, possivelmente em uma escala ligeiramente menor em relação ao seu predecessor, sendo este um de seus principais desafios quando eleito (JAN ŠÍR, 2009).

O Turcomenistão, diferentemente dos seus vizinhos centro-asiático, por exemplo, não integra a Organização para Cooperação de Xangai (OCX) e a Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC), dois grandes blocos presentes na Ásia Central. Em contrapartida, o país está interligado a organismos como a Organização das Nações Unidas (ONU), Banco Mundial, ao Programa de cooperação e parceria individual da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), e mais recentemente se tornou um membro observador da Organização Mundial do Comércio (OMC).

Tabela 1 – Presença do Turcomenistão nos organismos políticos e econômicos internacionais

| Organismos Internacionais que o Turcomenistão mantém parceria | Organismos Internacionais que o Turcomenistão não mantém parceria |
|---|---|
| Organização das Nações Unidas (ONU) | Agência Internacional de Energia Atômica |
| Banco Europeu para a Reconstrução e o Desenvolvimento (BERD) | União Econômica Eurasiática |
| Banco Mundial | Comunidade Econômica Eurasiática |
| Banco Islâmico de Desenvolvimento | Fórum dos Países Exportadores de Gás |
| Banco Asiático de Desenvolvimento | Organização para Cooperação de Xangai (OCX) |
| Fundo Monetário Internacional | Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC) |
| Comunidade dos Estados Independentes | |
| Conselho de Parceria Euroatlântica | |
| Organização de Cooperação Econômica | |

41

Fonte: Tabela retirada de BOHR (2016).

A construção de uma política externa baseada na permanente neutralidade permitiu ao Turcomenistão a possibilidade em desenvolver conexões interestatais com a ausência de obrigatoriedade, em teoria, de estar integralmente alinhado a um bloco de poder específico. Todavia, isso não exclui a dependência dos turcomenos a outros países, sobretudo, nas práticas econômicas e comerciais de seus recursos energéticos, principal força motriz do seu desenvolvimento interno.



Destarte, o presente artigo tem por objetivo analisar os principais objetivos geopolíticos do país, a partir dos distintos momentos que atravessaram a política do Turcomenistão no período pós-soviético. Assim sendo, o texto exposto estará subdividido da seguinte maneira: em um primeiro momento, faremos um breve apanhado histórico do Estado turcomeno, importante para contextualizar a posição do país e as práticas do primeiro presidente eleito. No segundo momento, apontaremos as práticas e relações geopolíticas estabelecidas por Sapamurat Niyazov durante o seu governo. No terceiro momento, iremos observar as diferenças entre as geopolíticas exercidas por Niyazov e o atual presidente do país, Gurbanguly Berdimuhamedow. Por fim, as considerações finais da produção.

Precedência do Estado turcomeno

A Ásia Central possui uma composição étnica heterogênea, fruto das interações entre os povos Turco-mongóis e indo-iranianos que ocorreram naquele espaço há séculos (ABAZOV, 2008). A população turcomena, tem como sua progênie a tribo Oguz (em turco *Oğuz*), de origem turca, tendo este grupo se instalado no espaço centro-asiático por volta do século XI (CHOUKOUROV, 1994).

A origem do gentílico “turcomeno”, segundo Choukourov (1994), vem justamente das relações entre os povos da região, em especial com os tadjiques (povos indo-iranianos), que passaram a chamar os antigos turcos (os oguzes) de turcomenos. Enquanto um espaço de interesse para vários impérios (Mongol, Otomano, Persa) ao longo da história, a Ásia Central esteve no cerne de várias questões políticas, e pela ausência de uma coesão interna

(ABAZOV, 2008), os Estados da região tiveram pouca estabilidade, o que também propiciou a dominação dos territórios centro-asiáticos por outros atores.

O Império Russo, assim como outros impérios, expandiu-se por meio da colonização, ocupando o espaço que hoje corresponde ao Turcomenistão ainda no século XIX, entre 1879 e 1881. Tal território, ao extremo sul do império, fora englobado a *oblast* Transcáspia, criada em 1874 e pertencente a Krai designada por Turquestão Russo, equivalente ao espaço da Ásia Central contemporânea. O domínio do Turquestão, muito explorado fisicamente pelo geógrafo russo Ivan Mushketov (GREEN, 2014), para os czares compunha uma parte da estratégia de contenção do avanço britânico sobre o Afeganistão e outras regiões da Ásia Central (VOLKOV, KRISHCHYNAS, 2018). Tal disputa de influência entre os impérios Russo e Britânico ficou conhecido como “o grande jogo”.

Com a Revolução Russa, em 1917, o Turcomenistão foi um ponto de resistência aos bolcheviques³. Entre 1918 e 1919 foi ocupado por forças britânicas que apoiavam os movimentos insurgentes (BRITES, 2012; OVEZOV, 1960). Os mencheviques-socialistas — como eram conhecidos os grupos opositores aos bolcheviques após a fissura do Partido Operário Social-Democrata Russo (POS DR) (REIS FILHO,

³ É importante destacar que no primeiro momento, diversos informes provenientes de telegramas e registros em jornais da época, eram de que todo o império, inclusive, o Turquestão Russo (ou Ocidental) teria aderido ao movimento bolchevique. Estas informações encontram-se registradas, por exemplo, em jornais brasileiros como: Diário de Pernambuco (Edição 00082, de 31 de março de 1917) disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_09&pesq=turkestan&pasta=ano%201917; e O Paiz (Edição 11863, de 1º de abril de 1917) disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&PagFis=9952&Pesq=turkestan.

2003) — locais fundaram, em 1918, no território que hoje corresponde o Turcomenistão moderno, o Governo Trans-Caspiano. Contando com subsídios do Reino Unido, o principal acordo entre os britânicos e o recém formado governo, para além de refrear as influências soviéticas, próxima as colônias britânicas na Ásia, era também intervir na atuação turco-germânica na região (MORRIS, 1977).

Em 1920, o exército vermelho conseguiu tomar o controle da cidade de *Krasnovodsk* (atual *Türkmenbaşy*) e posteriormente obteve a dominação de todo o espaço do Turquestão Russo⁴ (ou República Soviética Socialista Autônoma do Turquestão). Em 27 de outubro de 1924, a República do Turquestão foi dissolvida, dando lugar a três novas repúblicas socialistas (Tajiquistão, Uzbequistão e Turcomenistão) e duas novas *oblasts* autônomas (Oblast Autônomo do Kara-Kirghiz, atual Quirguistão, e Oblast Autônomo do Karakalpak).

Sobre a intendência soviética, o uso econômico do território turcomeno foi orientado para a produção industrial e o cultivo de algodão em larga escala (OVEZOV, 1960). O “*URSS Information Bulletin*”⁵ datado de outubro de 1950, nos mostra que até aquele momento, cerca de 352 indústrias foram construídas ou reconstruídas no país. Durante a década de 60, os turcomenos se tornaram exportadores de gás e petróleo, a partir das descobertas de grandes reservas destes recursos no país. Entretanto, com os problemas econômicos enfrentados pela URSS

nos anos oitenta do século passado, a venda dos seus recursos energéticos obteve um grande prejuízo, que levou a deterioração na qualidade de vida da sociedade turcomena (DIRO, 2009). Estima-se que 45% da população do Turcomenistão, em 1989, viveriam abaixo da linha de pobreza (SABOL, 2010).

A geopolítica de Sapamurat Niyazov (Türkmenbaşy)

Saparmurat Atayevich Niyazov ascendeu ao poder com 45 anos, em 1985. Naquele momento substituiu o então secretário-geral do Partido Comunista do Turcomenistão, Muhammad Nazar Gapusov (HIRO, 2009). Em seguida ao desfecho que teve a URSS, em 1991, Niyazov (aliado com a elite local) herdou o poder sobre o país. Fundou no mesmo ano o Partido Democrático do Turcomenistão e foi eleito, em 1992, com 1,874,357 votos⁶, o primeiro presidente da República Turcomena.

Sob o seu governo, a cultura política do Turcomenistão foi fortemente influenciada pelo culto à personalidade (KAYANI; AHMED 2016), ligando a sua imagem aos valores históricos da cultura turcomena. Um exemplo disso é o título, dado por si mesmo, de *Türkmenbaşy* (pai de todos os turcomenos). Esse nacionalismo de Sapamurat foi uma estratégia sistematicamente adotada para a construção do ideário da nação turcomena e consolidação do recém formado Estado independente. Como afirma o Hobsbawn (1990, p.190), a nação “é uma entidade social apenas quando relacionada a uma certa forma de Estado territorial moderno”. Este modelo de Estado territorial moderno, a qual o Turcomenistão agora seguia de modo

⁴ Estes fatos podem ser observados em publicações do jornal O Paiz (Edição 12874 de 9 de janeiro de 1920) disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_05&pesq=turkestan&pasta=ano%20192

⁵USSR information bulletin . Washington D.C.: The Embassy of The Union of Soviet Socialist Republics in the U.S.A., v.10, 1950.Disponível em:

<https://catalog.hathitrust.org/Record/006070625/Home>

⁶NOHLEN, DIETER; GROTZ, Florian; HARTMANN, Christof. Elections in Asia and the Pacific: A Data Handbook. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 480.

independente, segundo Cataia (2011, p.116) “[...] obteve êxito em sua difusão porque é eficaz para o exercício do poder, tanto no interior dos territórios (na relação Estado/cidadãos), quanto nas relações interestatais (as lutas pelas hegemonias)”.

Figura 1 – Mapa do Turcomenistão e suas regiões administrativas (*welayat*) após 1991



44

44 0 44 88 km

1 cm no mapa equivale a 44 km no terreno
Sistema Geodésico WGS 84

Legenda

★ Ashgabat

Fonte: Elaboração do autor

No escopo de controle e manutenção de poder, o ex-ministro das relações exteriores, Boris O. Shikmuradov⁷, afirmou que o Turcomenistão não seguiu um romantismo político, buscando estabelecer a construção do seu Estado com base em uma política externa pautada nos seus interesses nacionais. Para tal, as duas esferas estariam conectadas por meio do programa “Dez anos de estabilidade”⁸, estabelecido por Niyazov em dezembro de 1992, tendo como objetivo o desenvolvimento de infraestruturas no país.

Como afirmou o geógrafo francês Jean Gottmann (1975, p.29), “os componentes naturais de qualquer território dado foram delimitados pela ação humana e são usados por um certo número de pessoas por razões específicas, sendo tais usos e intenções determinados por e pertencentes a um processo político”. Neste sentido, o processo de não romantismo político é expresso quando o Turcomenistão ao realizar o desenvolvimento do seu Estado-Nação, acentua o caráter utilitarista e político do principal recurso natural existente em seu território— gás natural —para reforçar a sua neutralidade e alcançar a independência econômica, sobretudo, do antigo espaço soviético.

Em um primeiro momento isso não parece ter funcionado, afinal, com os membros do antigo bloco soviético o país manteve uma forte ligação. Entre 64-67% do comércio exterior do

Turcomenistão naquele período foi realizado com os países membros da Comunidade de Estados Independentes (CEI) (SABOL, 2010). Com a Rússia, que se manteve uma grande parceira comercial das antigas repúblicas soviéticas, principalmente após chegada de Vladimir Putin ao poder, o Turcomenistão criou um consórcio entre a Turkmenneftegaz e a Gazprom, tendo também a participação da Itera International Energy Corporation. O objetivo de tal empreitada seria afastar o país da crise ocasionada pela dificuldade de pagamento na compra de gás turcomeno por parte de outras ex-repúblicas soviéticas, e também o escoamento, via Rússia, do seu produto para outros mercados (HIRO, 2009).

Entretanto, a crise que abalou a Rússia no final dos anos noventa do século passado também afetou o mercado interno de todas as outras repúblicas da CEI. Deste modo, Niyazov foi pragmático na sua política externa utilizando a sua principal *commodity* como moeda cardinal (SABOL, 2010). O chefe de Estado buscou intensificar e expandir suas relações com o mundo ocidental: auxiliou na mediação para a resolução do conflito civil no Tadjiquistão (1992-1996), realizou diversas viagens aos Estados Unidos da América em busca de investidores estrangeiros, e se aproximou da Turquia, país esse responsável por hoje exercer uma grande influência cultural no país. Irã e Afeganistão também eram prioridades para Niyazov (HIRO, 2009).

A intenção de *Türkmenbaşy*, ao explorar a dinâmica econômica do território nacional, era a criação de um corredor onde fosse possível exportar seu gás para a Europa e Índia. Os planos para a conexão com a Europa, seria primeiramente pelo Irã, entretanto, por influência estadunidense a opção considerada fora via mar Cáspio, passando pelo Azerbaijão até o porto de Ceyhan (Turquia), localizado no mar

⁷Shikmuradov foi opositor ao Governo Niyazov no começo dos anos 2000. Após o atentado contra o presidente, ocorrido em 2002, ele foi julgado e condenado como um dos principais articuladores do evento. Foi preso e desde então não se obteve mais notícia sobre a sua condição ou estado de saúde.

⁸Positive neutrality as the basis of the foreign policy. Boris O. Shikmuradov. Disponível em: <http://sam.gov.tr/wp-content/uploads/2012/01/BORIS-O.-SHIKHMURADOV.pdf> - acesso em 26 mar. 2020



mediterrâneo. Para a Índia o propósito era o desenvolvimento de um corredor via Afeganistão e Paquistão (SABOL, 2010; HIRO,2009), atualmente denominado por projeto TAPI (em inglês, *Turkmenistan-Afghanistan-Pakistan- India*)

Os principais obstáculos para a execução de ambos os planos foram: i) o Mar Cáspio e o seu contorno político: suas águas chegam ao litoral de outros países (Rússia, Cazaquistão, Irã, Azerbaijão) que se opuseram ao projeto, invocando seus direitos territoriais marítimos. A Rússia foi um dos principais opositores ao projeto, visando não perder sua influência sobre o gás turcomeno. O Azerbaijão também se opôs devido as disputas (com o Turcomenistão) por campos de petróleo ali localizados; ii) Mesmo negociando diretamente com o Talibã (HIRO, 2009), a escala de tensão no Afeganistão e a eclosão da Guerra ao Terror, em 2001, impossibilitaram a continuidade do projeto para a Índia.

Com a ação estadunidense sobre o território afegão, os planos geopolíticos de Niyazov se viram forçados a mudar de curso, mudando sua bússola para a direção leste, no caso, a China. Em 2006 Niyazov faleceu vítima de problemas cardíacos, dando espaço para uma possível nova era no Turcomenistão, através de Gurbanguly Berdimuhammedow.

A geopolítica de Gurbanguly Berdimuhammedow (Arkadag)

Sobre o governo de Berdimuhammedow a cultura política pouco se difere a de Niyazov. O culto a sua personalidade permanece: Se Niyazov lançou o seu livro "*Ruhnama*",

Berdimuhammedow lançou o seu próprio livro⁹. Se Niyazov era o *Türkmenbaşy*, o atual presidente tornou-se o *Arkadag* (protetor).

O fato é que desde a sua chega ao poder, em 2007, Gurbanguly Mälikgulyýewiç Berdimuhammedow encorajou a saída do país do isolacionismo internacional e reviveu a cooperação com outros países (PERYROUSE, 2010). Se "os recursos condicionam o alcance da ação", como afirma Raffestin (1992, p.58), no caso turcomeno isto não é diferente. O atual presidente buscou dar continuidade aos projetos de Niyazov. Aprofundou as relações com os seus vizinhos como, por exemplo, tendo participado da reunião da OCX, em agosto de 2007. Com o Azerbaijão voltou a estabelecer negociações e discussões sobre a exploração do mar Cáspio (JAN ŠÍR, 2009), tendo realizado em agosto de 2019 o primeiro *Caspian Economic Forum* contando também com a participação da Rússia, Irã e Cazaquistão.

Também abriu novas conexões com Afeganistão, Geórgia, Turquia e Azerbaijão através do corredor *Lapis Lazuli*, uma rota de trânsito internacional inaugurada em 2018, financiado pelo Banco de Desenvolvimento Asiático, estando também associado a parte do projeto de integração e conexão comercial, promovido pelo Programa de Cooperação Econômica Regional da Ásia Central.

O projeto TAPI na era Berdimuhammedow se transformou também em um caminho para a exportação de energia elétrica para o Paquistão e

⁹Turkmen President's New Book On Herbal Remedies Unveiled. RFE/RL. Disponível em:

<https://www.rferl.org/a/turkmenistan-berdymukhammedov-herbal-remedies/25094805.html>

- acesso em 27 mar. 2020



o Afeganistão¹⁰. Entretanto, segue como um projeto audacioso de complexa realização. Além da heterogênea geografia física regional, a ausência de estabilidade no Afeganistão e no Paquistão tem comprometido o andamento do projeto (BOHR, 2016), o que pode ser observado na figura 2. Atualmente a seção turcomena da empreitada encontra-se finalizada, enquanto a seção afegã iniciou sua construção em 2018, passando pelas cidades de Herat e Kandahar. A seção paquistanesa pretende iniciar a construção da segunda parte do projeto ainda em 2020¹¹.

Com a Rússia e Irã, as relações seguem importantes, entretanto, não livre de tensões. Os dois países são importantes parceiros e exportadores do gás turcomeno. Segundo dados da UNComtrade Analytics, em 2017, a Rússia foi o terceiro maior exportador, enquanto o Irã foi o sétimo¹². No final de 2016, o Turcomenistão reduziu a sua exportação de gás para o país vizinho, cobrando Teerã valores não pagos referentes a compra de seu *commodity*. A disputa foi parar na corte internacional após o Irã processar o Turcomenistão por rompimento de acordo bilateral. Os dois países ainda não chegaram um acordo, porém, diante das recentes tensões entre os Estados Unidos e Irã, assim como as sensações impostas ao país islâmico, Hassan Rohani tem feito o movimento de aproximação com os vizinhos centro-asiáticos,

expandindo (ou recuperando) suas relações de cooperação¹³.

Já com a Rússia a relação sempre fora complexa. Apesar da proximidade e da parceria estabelecida, através da CEI e outros acordos comerciais, ao longo dos anos os russos gradativamente reduziram a importação do gás turcomeno (BOHR, 2016), até que em 2016, as tensões entre Ashgabat e Moscou chegaram ao seu ápice com a Gazprom suspendendo totalmente a compra do hidrocarboneto. Este conflito geoeconômico entre o Turcomenistão e a Rússia teria como *background* a disputa pelo mercado chinês. A situação entre ambos os países voltou a aparente normalidade em 2019, quando a Rússia retornou a importar o produto turcomeno. Apesar das apreensões entre os países, o Turcomenistão a certa medida necessita do mercado russo, pois este se mostra como uma alternativa aos chineses, principais compradores do gás turcomeno. Além disso, a deterioração das relações resultaria em crise para a economia turcomena. Não à toa, nos últimos anos o país sofreu com hiperinflação e uma queda na qualidade de vida da população, com a ausência de alimentos e suspensão de subsídios aos habitantes¹⁴.

47

¹⁰Turkmenistan eyes to sell electricity to Pakistan. DND. Disponível em: <https://dnd.com.pk/turkmenistan-eyes-to-sell-electricity-to-pakistan/159375> - acesso em 30 abr.2020

¹¹Turkmenistan to present TAPI gas pipeline project at roadshow in Dubai. Azernews. Disponível em: <https://www.azernews.az/region/161345.html> - acesso em 27 mar.2020

¹²UNcomtrade Analytics. Disponível em: <https://comtrade.un.org/labs/data-explorer/> - acesso em 27 mar.2020

¹³Iran, Turkmenistan underline expansion of all-out cooperation. Islamic Republic News Agency. Disponível em: <https://en.irna.ir/news/83770216/Iran-Turkmenistan-underline-expansion-of-all-out-cooperation> - acesso em 30 abr. 2020

¹⁴Hyperinflation and hunger: Turkmenistan on 'edge of catastrophe'. Aljazeera. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2019/07/hyperinflation-hunger-turkmenistan-edge-catastrophe-190715200641553.html> - acesso em 27 mar. 2020





A China hoje é o principal destino do gás turcomeno. A construção de gasodutos com longas extensões cortando toda a região centro-asiática no bojo da *Belt and Road Initiative* (BRI), demonstram a dependência energética que a China possui o papel vultoso da Ásia Central na demanda de produção interna chinesa. Pela urgência de ambas as partes (turcomena, na procura de um mercado consumidor de alta demanda para o seu gás, e da chinesa na procura de grandes reservas energéticas para exploração), em 2007, a China National

Petroleum Corporation (CNPC) passou a desenvolver e explorar, em conjunto com o Turcomenistão, os principais campos de gás natural do país¹⁵.

Segundo dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), os chineses se apresentam como o maior parceiro do Turcomenistão com os valores de exportação ultrapassando os US\$ 7

¹⁵CNPC in Turkmenistan. China National Petroleum Corporation. Disponível em: https://www.cnpc.com.cn/en/Turkmenistan/country_index.shtml - acesso em: 27 mar.2020

milhões de dólares, em 2018¹⁶. No mesmo ano, a CNPC anunciou a exportação de 240 milhões de metros cúbicos de gás turcomeno¹⁷. Todavia, tal relação deve apresentar números reduzidos no ano de 2020. Os impactos geoeconômicos ocasionados pela recente pandemia oriunda da COVID-19 reduziram, e de modo significativo, temporariamente as demandas do mercado chinês, o que conseqüentemente atenuou o fluxo de atividades nos gasodutos centro-asiáticos, principal elemento da relação Turcomenistão-China (SANTOS, 2020).

A questão pandêmica que o mundo convive atualmente, apenas reforçou o embaraço mercantil que vive o país. Todavia, Berdimuhamedow já demonstrava estar em busca de uma solução para sua crise mercadológica. A estratégia adotada é o desenvolvimento e a diversificação comercial do Turcomenistão. Para tal, o presidente tem estimulado a expansão¹⁸ e atração de investidores estrangeiros¹⁹ para o setor da indústria química e de combustíveis do país²⁰, por

exemplo. Além disso, obteve o status de observador da Organização Mundial do Comércio (OMC)²¹, o que permite uma maior inserção da economia turcomena a mundial, além de um escopo maior de parceiros comerciais.

Considerações Finais

O que se buscou apresentar neste texto, foi uma visão panorâmica sobre os principais objetivos geopolíticos entre os dois governos que até o momento regeram o Turcomenistão. Em um primeiro momento, foi notável a tentativa de expansão dos horizontes comerciais do país, ainda assim, uma série de fatores políticos em escala regional e global, assim com a própria construção da política interna turcomena, travaram os avanços comerciais. No segundo período de governança, a lógica antecessora parece ter sido alterada timidamente, entretanto, a conjuntura política que se construiu regionalmente e internamente nos últimos anos levaram o país a uma sujeição mais acentuada.

O que é claro, em ambos os planos geopolíticos, é o desejo e objetivo em tornar o país um grande exportador de hidrocarbonetos, principalmente transformando-o em um fornecedor de energia para a Ásia e Europa. Todo o desenvolvimento social do Turcomenistão está atrelado a este fator. Entretanto, este antigo propósito e que por anos serve como guia econômico e comercial deste jovem Estado, apesar dos acanhados esforços do atual mandatário, ainda não foi atingido. A crescente presença chinesa no espaço centro-asiático por

¹⁶Direction of trade statics (DOTS). International Monetary Funds. Disponível em: <https://data.imf.org/?sk=9D6028D4-F14A-464C-A2F2-59B2CD424B85&slid=1515619375491> - Acesso em 27 mar.2020

¹⁷Turkmenistan - Oil and Gas Production. Export.gov. Disponível em: <https://www.export.gov/apex/article2?id=Turkmenistan-oil-and-gas-production> - acesso em 27 mar. 2020

¹⁸Turkmenistan develops chemical industry. Azernews. Disponível em: <https://www.azernews.az/region/129632.html> - acesso em 31 mai.2020

¹⁹Turkmenistan invites investors to participate in gas chemistry projects. Orient. Disponível em: <https://orient.tm/en/turkmenistan-invites-investors-to-participate-in-gas-chemistry-projects/> - acesso em 31 mai.2020

²⁰Representatives of fuel and energy complex exchange views about partnership with the Vice-president of French Total. The State News Agency of Turkmenistan <http://tdh.gov.tm/news/en/articles.aspx&article22786&cat29> - acesso em 31 mai.2020

²¹Le Turkménistan devient membre observateur de l'OMC. Novastan. Disponível em: <https://www.novastan.org/fr/turkmenistan/le-turkmenistan-devient-membre-observateur-de-lomc/> - acesso em 31 mai.2020



meio da BRI, conjuntamente as incertezas sobre as negociações de venda e escoamento de gás com a Rússia, Irã e Azerbaijão (sua principal porta de entrada para o mercado ocidental), além do projeto TAPI, tem tornado Berdimuhamedow cada vez mais próximo de Xi Jinping, apontando para um possível descompasso na neutralidade constituída por Ashgabat. Os recentes movimentos (*status* de membro observador da OMC e atração para investimentos estrangeiros), demonstram a tentativa do Turcomenistão em não perder o seu equilíbrio, caso ainda queira atingir o seu principal objetivo, pois compreendem que a política econômica centralizada em apenas um recurso energético e/ou poucos parceiros comerciais os tornam extremamente vulneráveis tanto no campo político, quanto econômico.

Referências

- ABAZOV, Rafis. The Palgrave concise historical atlas of central Asia. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2008.
- _____. Historical Dictionary of Turkmenistan. Maryland: Scarecrow Press Inc., 2005.
- AHMED, Raja Qaiser; KAYANI, Saima Ashraf. Turkmenistan's political culture of positive neutrality and its implications. *Journal of Contemporary Studies*, n.15-31, 2016.
- BERRIDGE, G.R.; JAMES, Alan. A dictionary of diplomacy. Nova Iorque: Palgrave, 2001.
- BINIMELIS, Cecilia Quintana. Sobre as Origens da Geopolítica Alemã. *Revista Intellector*, n.5, p.1-20, dez. 2006.
- BOHR, Annette. Turkmenistan: Power, Politics and Petro-Authoritarianism. Chatham House, 2016.
- BRITES, Alessandra Scangarelli. A política externa soviética e seus impactos nas relações internacionais. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos Estratégicos Internacionais) – Programa de pós-graduação em Estudos Estratégicos Internacionais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- CATAIA, Marco Antonio. Território político: fundamento e fundação do estado. *Sociedade & Natureza*, v.23, n.1, 2011. p.115-125. – Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-45132011000100010 – acesso em 30 abr. 2020
- CHOUKOUROV, Charfi; CHOUKOUROV, Roustam. *Peuples d'Asie Centrale*. Paris: Syrus, 1994.
- GOTTMANN, Jean. The evolution of the concept of territory. *Social Science Information*, v. 14, n. 3, ago. 1975.
- GREEN, Nile. *Writing Travel in Central Asia History*. Bloomington: Indiana Press University, 2014.
- HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- HIRO, Dilip. *Inside Central Asia: A Political and Cultural History of Uzbekistan, Turkmenistan, Kazakhstan, Kyrgyzstan, Tajikistan, Turkey, and Iran*. Nova Iorque: Overlook Duckworth, Peter Mayer Publishers, Inc, 2009.
- HOBBSBAWN, Eric J. *Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- JAN ŠÍR, Slavomír. Dismantling Totalitarianism? Turkmenistan under Berdimuhamedow.



Washington, D.C.: Central Asia-Caucasus Institute & Silk Road Studies Program – A Joint Transatlantic Research and Policy Center, 2009.

MORRIS, L.P. British Secret Missions in Turkestan, 1918-19. *Journal of Contemporary History*, n.2, p.363-379, 1977.

OVEZOV, Balysh. *Turkmenia: Man Masters a Desert*. Londres: Soviet Booklet, 1960.

PERYROUSE, Sébastien. “Berdymukammedov’s Turkmenistan: A Modest Shift in Domestic and Social Politics” *China and Eurasia Forum Quarterly*, n. 3, p.47-66, 2010.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo (SP): Ática, 1993.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *As revoluções russas e o socialismo soviético*. São Paulo: Editora Unesp, 2003

RIBEIRO, Guilherme. Geografia, fronteira do mundo. Ensaio sobre política, epistemologia e história da geografia. *Geographia*, n. 34, p.39-73, 2015. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13711/8911>. Acesso em: 23 mar. 2020.

ROSIÈRE, Stéphane. “Tendências contemporâneas da geografia política e da geopolítica”. In: RÜCKERT, A. A.; SILVA, A. C. P. da; SILVA, G. de V. (Orgs.). *Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território: integração sul-americana e regiões periféricas*. Porto Alegre: Editora Letra1, 2018, p. 87-95

SABOL, Steven. “Turkmenistan: Permanent Transition or Elusive Stability?” *China and Eurasia Forum Quarterly*, n. 3, p.5-27, 2010.

SANTOS, Jonathan Christian Dias dos. *Ásia Central e seus desafios geoeconômicos perante o COVID-19*. Espaço e Economia, 2020. Disponível em:

<https://journals.openedition.org/espacoeconomia/11821> - acesso em 26 abr.2020.

SANTOS, Thaís Gomes dos. Os corpos femininos negros: das cicatrizes do poder ao feminismo negro. *Revista Mais que Amelias*, 2019. p. 1-18.

VALE, A. L. F; SAQUET, M. A; SANTOS. R. A. O território: diferentes abordagens e conceito-chave para a compreensão da migração. *UNIOESTE: Revista Faz Ciência*, 2005. 07.01. p. 11-26.

